

LEITURA: DISCURSOS DE ALUNOS DO CURSO DE LETRAS

Priscila de Araújo PINHEIRO¹
Universidade Federal do Acre
priscilaufac@hotmail.com

Resumo: O ato de ler está muito presente em nossa sociedade grafocêntrica, sendo seu ensino e difusão extremamente valorizados. E é fato que o professor de Língua Portuguesa acaba sendo o principal responsável por esse ensino, temos, assim, que levar em consideração a seguinte indagação: Quais as concepções de leitura e de linguagem que permeiam os discursos sobre leitura desses sujeitos? Desse modo, com intuito de refletir sobre essa pergunta, utilizaremos entrevistas feitas com os alunos concluintes do curso de Letras da Universidade Federal do Acre. Portanto, neste artigo, focaremos no modo como a leitura é vista por esses sujeitos, e quais são as teorias que permeiam seus discursos, investigando, quais as concepções de leitura atravessam o seu dizer, discutindo, brevemente, como tais posicionamentos poderão influenciar na sua futura profissão docente. Assim, partindo de uma visão de linguagem enquanto interação, e vista também como um fenômeno social, histórico e ideológico, tomaremos por base teórica em nosso trabalho a Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as ideias do Círculo de Bakhtin (2010), utilizando para tanto sua teoria dialógica. Além disso, teremos contribuições de outros autores com suas reflexões acerca da leitura, como: Coracini (2009), Possenti (2006), Kleiman (2008) e Soares (2007).

Palavras-chaves: Leitura; discurso do aluno; dialogismo.

1. Introdução

A reflexão e discussão acerca dos discursos sobre leitura dos sujeitos alunos concluintes do curso de Letras vernáculas da Universidade Federal do Acre² é o que permeará todo este artigo, e é o ponto de partida para que possamos, posteriormente, pensar melhor no ensino de leitura que é oferecido em nossas escolas de ensino básico. Neste artigo propomos compreender quais as concepções teóricas acerca de leitura que permeiam os discursos desses sujeitos, futuros formadores de leitores, e por consequência, quais as concepções de linguagem presentes nessas falas. Destacamos ainda algumas práticas de leitura que poderão fazer parte da futura vida docente desse sujeito que se tornará um dos principais responsáveis pelo ensino e difusão da leitura no ensino básico.

2. Percurso teórico-metodológico

Sob uma perspectiva teórica bakhtiniana, propomos que se deve compreender a leitura embasada em uma concepção de linguagem enquanto interação, levando-se em conta as contribuições do círculo de Bakhtin, cujas ideias em relação à linguagem eram, essencialmente, a de que esta seria uma constante interação mediada pelo diálogo. E ainda, a língua só existe em função do uso dos interlocutores, e só adquire sentidos de acordo com a situação de interação. E, assim, analisando esta relação dialógica entre os interlocutores na

¹ Aluna do Programa de pós-graduação Mestrado em Letras: linguagem e identidade, da Universidade Federal do Acre.

² Este artigo faz parte de uma reflexão referente a uma pesquisa maior. Tal pesquisa refere-se ao projeto de mestrado da autora deste artigo, e que é orientado pela Profa. Dra. Verônica Maria Elias Kamel, professora titular da Universidade Federal do Acre.

interação verbal, percebemos que o meio social e as condições de uma dada situação de interação influenciará diretamente na construção de sentidos.

É fato, que por muito tempo, defendeu-se uma abordagem da linguagem baseada em uma teoria de orientação saussuriana, em que temos a língua como único objeto da linguística, sendo vista como algo abstrato e ideal, e, ainda, um sistema sincrônico e homogêneo. Assim, discordando desses pressupostos, e rejeitando grande parte das postulações teóricas do “pai da linguística”, Bakhtin antecipará muito dos estudos da linguística moderna ao conceber a linguagem como um lugar de interação, ou seja, ao concebê-la enquanto,

lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 1998, 23)

Desse modo, para melhor compreender o fenômeno da linguagem, os estudiosos passaram a buscar respostas também no extralinguístico, ou seja, deixaram-se de lado os estudos centrados apenas na língua, um sistema ideologicamente neutro. Temos, portanto, estudos que levam em consideração uma nova instância da linguagem: o discurso.

Desse modo,

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte do pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (BRANDÃO, 2004, 11).

Portanto, a linguagem é lugar de conflitos sócio-ideológicos, e não deve ser estudada fora da sociedade, desvinculada das condições de produção. Sendo que, é na interação entre dois indivíduos que estão socialmente organizados, e que pertencem a um grupo, cujas relações sociais determinam a criação dos signos, e logo, a lógica da comunicação ideológica e semiótica, que podemos perceber na palavra, uma vez que esta é ideológica por excelência, a materialização do signo. Assim, é examinando a palavra, a partir de

sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente - todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. As leis da refração ideológica da existência em signos e em consciências, suas formas e seus mecanismos, devem ser estudados, antes de mais nada, a partir desse material que é a palavra. A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas “imanescentes” consiste em partir da filosofia concebida como filosofia do signo ideológico.” (BAKHTIN, 1997, 38)

Mas, para compreender de que forma funciona essa articulação entre o linguístico, o sócio-histórico e o ideológico, faz-se necessário refletir acerca do sujeito, uma vez que, este começa a ser considerado enquanto *descentrado*³. Para essas perspectivas deve-se levar em

³ A ideia de descentramento aqui vem de que, apesar deste sujeito ser indispensável e fundamental, uma vez que não existe discurso sem sujeito, o mesmo perde a sua centralidade no momento em que passa a integrar o

consideração a noção de história, e esta torna-se fundamental, uma vez que, o sujeito é concebido partindo-se do pressuposto de que ele é marcado espacial e temporalmente, sendo que sua fala é marcada e produzida a partir do lugar de onde ele fala. Pensa-se, desse modo, em um sujeito histórico, e partindo dessa concepção articula-se outra: a de sujeito ideológico. Assim ao se pensar nesse sujeito, percebe-se que o seu discurso é situado a partir da sua relação com o outro. É constituído por muitas vozes, ou seja, pela dispersão de outros sujeitos. Ele é efeito, não origem. E ao se pensar nesse outro, não se restringe apenas ao destinatário, ou o para quem se fala, mas incluem-se aqui outros discursos que já estão historicamente constituídos e que se revelam na sua fala. Dessa forma, o eu deixa de ser centrado, e passa a constituir-se a partir do tu, ou seja, o outro é incorporado como constitutivo do sujeito, ou seja, o eu se constitui a partir do outro.

Portanto,

Para a análise do discurso, é essa concepção de sujeito - que vai perdendo a polaridade centrada ora no *eu* ora no *tu* e se enriquecendo com uma relação dinâmica entre identidade e alteridade - que vai ocupar o centro de suas preocupações atuais. Para ela, o centro da relação não está nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói a sua identidade na interação com o outro. (Brandão, 2004, pág. 76)

Pensando ainda nesse sujeito, devemos levar em consideração o conceito de interdiscurso e intradiscurso, ressaltando que o conceito de memória está intrínseco ao de interdiscurso.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (Orlandi, 2000, 31)

Uma vez que todos os sentidos que já foram ditos por alguém, em outro lugar, em outro tempo, muitas vezes, muito distantes, têm um efeito sobre um determinado discurso dado. Desse modo, nossas palavras são carregadas de outros dizeres, significam pela história e pela língua, ou seja, o sujeito não tem controle total do sentido daquilo que ele diz e, ainda, pelos sentidos que se constituem nele. Temos que ter a consciência de que há um já-dito que influencia diretamente no nosso dizer, e na relação dos sujeitos com os discursos e com a ideologia. Assim, temos uma relação entre o interdiscurso (tudo aquilo que já foi dito e esquecido) e o intradiscurso (é a formulação do nosso dizer, aquilo que estamos dizendo naquele momento).

(...) O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso. (Orlandi, 2000,33)

Desse modo, ao se estudar a leitura, temos que levar em conta todas as considerações acima, uma vez que:

funcionamento da linguagem. Diferente do que acontecia na teoria de Benveniste em que a linguagem era o que criava o sujeito.

No caso da Análise do Discurso, a incompletude e a heterogeneidade são constitutivas de todo e qualquer texto (...) o texto escrito esconde, sob a superfície homogênea e una, o interdiscurso, rastros de outros dizeres, que se cruzam (o já dito, a memória discursiva) e que, vez por outra, emergem aqui e acolá, no fio do dizer, no intradiscurso. (Coracini, 2005, 36)

3. Pensar leitura: diferentes concepções

O que significa ler? (...) ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não. Esse olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar), suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo. Nem sempre ou quase nunca tais expectativas são conscientes. Mas até mesmo essa percepção – de menor ou maior consciência – depende da concepção de leitura que adotamos. (CORACINI, 2005,19)

Para se começar a pensar em diferentes concepções de leitura, é importante ressaltar que a leitura, mesmo que de forma implícita, sempre carrega consigo uma postura teórica. Tem-se que ressaltar, ainda, que a cada nova concepção de leitura que vão sendo construídas em nossa sociedade, tem-se uma nova relação entre leitor-autor/leitor, o que acarretará os mais diversos efeitos, ou seja, teremos as mais diversas formas de construção de sentidos.

Faz-se necessário, dessa forma, pensar, ainda, nas funções histórico-sociais da leitura, e aqui se inclui a preocupação a respeito de como esta vem sendo realizada ou como deveria se realizar no âmbito escolar. E nada mais lógico, do que lançarmos nosso olhar sobre aqueles que futuramente serão os maiores responsáveis por formar leitores.

Para melhor compreendermos como estes sujeitos encaram o ato de ler, faz-se necessários que conheçamos algumas concepções de leitura, neste artigo destacamos as seguintes:

- **Leitura enquanto decodificação:** descoberta do sentido - “o leitor ou o observador (no caso das artes pictóricas) são verdadeiros espectadores em busca do sentido que se encontra, de forma imanente, no texto ou na obra em apreciação.” (Coracini, 2005, 20) Há apenas um significado, em que não há mudanças no mesmo independentemente das condições de interlocução. O objetivo é resgatar a essência da leitura, a verdade absoluta e única. Tem-se que desvendar o sentido, que está depositado nas palavras – signos. O leitor é um mero decodificador de sinais gráficos e pictóricos, responsável por apreender o sentido único que há neles. Esta visão está diretamente ligada ao estruturalismo, que tanto influenciou – e influencia – o ensino, os estudos sociais, as ciências humanas em geral. “O estruturalismo, como sabemos, vê a língua e, como decorrência, o texto como uma estrutura, um todo passível de ser desmembrado em unidades menores, que, uma vez observadas e estudadas em seu funcionamento, podem ser recompostas de modo a reconstruir o objeto.” (Coracini, 2005, 20). Assim, no modelo estruturalista temos a exclusão do sujeito-leitor, sendo que este fica apenas com o papel passivo de receptor. Sendo o texto visto como um objeto independente do sujeito e da situação de enunciação. O sentido é concebido como que arraigado às palavras e às frases, ficando na dependência direta da forma, contido, em última instância, no próprio texto.
- **Leitura enquanto interação: construção de sentidos** – autor e leitor estão presentes e ativos. Nesta concepção temos um leitor perante o autor do texto ou de uma obra,

autor este que deixaria pistas a serem seguidas pelo leitor, para que ele possa interagir durante a construção de sentidos, ou seja, o autor é a autoridade que legitima o sentido, uma vez que é ele quem deixa as suas marcas e intenções no texto. Assim, no caso, então, do olhar interacionista da leitura, tanto o (bom) autor quanto o (bom) leitor são idealmente conscientes e trabalham para, cada vez mais e melhor, atingirem a consciência ideal. Nesta visão, há, é verdade, a consideração de outras leituras, no entanto, “estas dependeriam prioritariamente do texto e, de modo indireto, do autor, que as autorizaria ou não.” (Coracini, 2005, 21). Ou seja, temos aqui o modelo psicolinguístico de orientação da psicologia cognitivista, que por sua vez, entende leitura como um processo ativo de construção mental. O processo de leitura faz-se através da formulação de hipóteses – se confirmadas, interpreta-se o material, se não, formulam-se outras, dependendo dos objetivos. O bom leitor é aquele que diante do texto, será capaz de acionar esquemas ou pacotes de conhecimentos estruturados, tem-se desse modo “uma concepção de texto como algo externo ao leitor, portador de significado e, portanto, autoritário, tendo, assim, primazia sobre o leitor que, por sua vez, precisa de monitoração para apreender o sentido nele contido.” (Mascia, 2005, 47). Em suma, na visão interacionista temos uma interação entre leitor-texto-autor. Nesta concepção o leitor é o responsável por reconstruir o texto, no entanto, ele o faz percorrendo as marcas deixadas pelo autor, ou seja, busca-se aquele sentido dado pelo autor do texto. Embora o aspecto social passe a ser cogitado, pois o leitor aciona o texto a partir de conhecimentos prévios, socialmente adquiridos, o texto é autoritário, pois só são aceitas as leituras que fazem parte de um 'núcleo comum', tolhendo qualquer outra. (Mascia, 2005, 47)

- **Leitura enquanto processo discursivo** – Levando-se em consideração esta concepção de leitura, o olhar do leitor “vem de dentro do sujeito, inteiramente impregnado por sua subjetividade⁴, que se constitui do/no exterior, por sua historicidade” (Coracini, 2005, 23). Lembremos que este sujeito é atravessado pelo outro, portanto, não é senhor absoluto e tampouco origem do seu dizer, aliás, ele é uma construção social, e como tal, os sentidos que atribui a uma certa realidade corresponde a uma verdade que não lhe pertence. Tanto autor quanto leitor são produtores de sentidos e de textos.

Podemos observar, portanto, que a leitura pode ser encarada de diversas formas, e dependendo do modo como esta é vista pelo sujeito aluno concluinte do curso de Letras, isto influenciará na sua futura prática docente, e por consequência, no modo de ensinar a leitura. Desse modo podemos refletir acerca de algumas práticas de leituras, como: leitura enquanto busca de informações, leitura como estudo de textos, leitura como pretexto e leitura como fruição do texto.

É importante ressaltar que as posturas que o leitor pode ter perante o texto são diversas, e que não é nosso papel aqui, estabelecer tipologias, mas apenas refletir acerca de algumas possíveis relações de interlocução do leitor com o texto/autor.

Assim, temos:

- **Leitura como busca de informações:** nesta prática de leitura, a principal preocupação do leitor é a extração de uma informação do texto. Na escola, geralmente esta postura ante o texto é encarada de forma errônea, pois as informações a serem retiradas do texto são muito superficiais, compreendendo, na maioria das vezes, o título do texto, o autor do texto, os personagens principais, entre outras perguntas, que não instigam

⁴ Entende-se que a subjetividade vai se construindo através das relações sociais, ressaltando, ainda, que ao nascermos somos inseridos em um mundo pré-organizado, portanto com vários discursos em circulação.

nossos alunos a pensarem, ou então não existe uma preocupação maior em esclarecer o “para quê” se está lendo o texto dado.

- **Leitura como estudo do texto:** Este tipo de leitura requer de seu leitor que ele estude minuciosamente a forma como o texto foi construído, tirando do texto informações, como: a tese defendida, os argumentos apresentados, a coerência entre a tese e os argumentos, entre outros. Infelizmente, este tipo de leitura é mais praticada nas outras disciplinas, do que na aula de Língua Portuguesa, e esse é um dos maiores problemas deste tipo de trabalho com a leitura.
- **Leitura como pretexto:** Faz-se uso do texto para outras atividades, como, por exemplo: transformar o texto em um coro, ilustrar uma história, dramatizar uma narrativa, entre outros, mas o que causa mais críticas é o uso do texto como pretexto para a aplicação de atividades de metalinguagem. Talvez o problema maior deste tipo de postura perante o texto não seja utilizá-lo para pretexto, mas sim o pretexto utilizado, e isso deve ser bem pensado pelo professor antes de propor tal leitura para os alunos.
- **Leitura como fruição do texto:** é aquela leitura feita por prazer, e este é um tipo de interlocução praticamente inexistente nas escolas, e um dos modos de leitura que mais são almejados e desejados por todos, no entanto, é fato que é muito difícil de implantar tal prática em nossas escolas.

4. Discursos sobre leitura: dando voz aos alunos concluintes de Letras

É de conhecimento de todos que o curso de Letras é, entre os cursos acadêmicos, a graduação responsável pela formação dos futuros professores de Língua Portuguesa. E como tal, faz-se necessário que tenha em sua grade disciplinas que proporcionem aos alunos contato com teorias sobre leitura, o que os tornaria mais habilitados a formarem leitores na sua futura profissão.

Desse modo, espera-se encontrar em seus discursos uma concepção de ensino de leitura pautada em uma concepção de linguagem enquanto interação, além do mais, devido às necessidades do curso, que exigem uma rotina de leitura árdua, espera-se que estes sujeitos saiam leitores mais desenvolvidos, críticos e reflexivos. Além do mais, faz-se necessário o conhecimento desses discursos e práticas, para que se possa (re) pensar continuamente a formação desses profissionais, futuros responsáveis pela formação de outros sujeitos, e por consequência, de outros leitores.

Abaixo veremos algumas falas desses sujeitos, que explicitam diferentes posturas perante a leitura, por exemplo,

I⁶: o ato de ler é muito importante... porque aqui como a gente aprende... é::... a gente tem um conhecimento de mundo... e quando a gente ler... a gente entra em um mundo totalmente diferente... você aprende novas coisas...

em I⁶ temos uma postura de leitura enquanto busca de conhecimento, para aprender novos conhecimentos. Uma vez que os sujeitos entrevistados são universitários, nada mais natural do que tomarem a leitura como objeto de conhecimento, uma vez que na universidade ela é tratada constantemente dessa forma, já que os conhecimentos teóricos e científicos são adquiridos, em grande parte, através dos textos que são indicados pelo professor, e por consequência, lidos pelos alunos. Assim, a leitura é praticada, na maioria das vezes, como forma de buscar conhecimentos teóricos. Isso pode ser reafirmado através da fala de outros sujeitos, como em:

P: e pra você o que significa o ato de ler?

I⁷: ler ... por exemplo... depende... porque a gente ler pra se informar sobre um assunto... pra aprender mais... pra ficar mais atualizado sobre os conteúdos... quanto mais a gente ler... mais a gente aprende

P: e para você o que significa o ato de ler?

I⁸: pra mim a leitura... é muito o ato de ler... assim... o que eu posso dizer é que a leitura... dar exemplos de leitura... tipo a gente utiliza a leitura pra buscar conhecimento... uma informação... você decodifica um texto... mais ou menos assim

Em I⁶ além da leitura enquanto busca de informação, para se adquirir conhecimentos escolares, podemos depreender uma leitura como busca de informações sobre o mundo, e aqui incluiríamos a leitura de jornais, revistas, leituras na internet, ou seja, leituras que nos dão informações acerca daquilo que está acontecendo em nossa volta, e isso fica a critério de cada sujeito, que pode estar interessado em notícias sobre política, futebol, novelas, políticas públicas, educação, entre outras possibilidades.

Mas, ao se pensar em leitura em nossa sociedade, percebemos o caráter positivo que ela adquire nos discursos que permeiam nosso dia a dia, e isso se reflete no discurso dos sujeitos entrevistados, por exemplo

P: para você o que significa o ato de ler?

I⁹: para mim o ato de ler... é o ato de adquirir conhecimentos... é o ato de... que através da leitura você vai... é... aprender ... é... a se comunicar com as pessoas... aprender... você vai se tornar uma pessoa com uma cultura melhor... se tornar uma pessoa culturalmente envolvida dentro da sociedade...

em I⁹ temos a leitura como a possibilidade de nos tornarmos superiores culturalmente, tem-se a ideia de que quanto mais a pessoa ler mais conhecimentos ela obtém, ou seja, temos aqui a difusão da ideia de intelectual, que seria aquela pessoa que detém o saber dos livros, é culturalmente superior, por consequência, essa pessoa que tem esse saber adquirido através dos livros comunica-se melhor. Assim, ler seria um modo de adquirir conhecimento para o sujeito torna-se mais culto.

Mas, além desse modo de ver a leitura, também encontramos uma visão da leitura como fruição, como em I¹¹

P: para você o que significa o ato de ler?

I¹¹: eu acho que é uma oportunidade enorme de você conhecer o mundo... né... sem sair do lugar... e não somente leituras obrigatórias... mas leituras de fruição... que é a prazerosa... que é a que eu mais gosto de fazer

P: para você o que significa o ato de ler?

I¹²: ah... leitura... eu acho que através da leitura a gente expande os horizontes... né... e é uma forma de obter conhecimentos... sem leitura num...

P: que importância você atribui a leitura?

I¹²: muita importância... como já falei... né... ela vai expandir os horizontes... bom... a leitura... é através dela que nós temos... eu acho que toda fonte de conhecimento advém da leitura... não há prática sem leitura

vemos nesse discurso algo que é muito frequente nos discursos que permeiam nossa sociedade, que fala das viagens, oportunidades de ir para outro mundo sem sair do lugar, de conhecer novos lugares e culturas através da leitura, e do prazer que pode ser proporcionada através desse ato, o que é bem visível nas falas de I¹². Temos, portanto, uma leitura prazerosa, com o intuito de fruição, de sentir-se bem com o ato de ler. E isso pode refletir no ensino, como podemos depreender através da fala abaixo

P: e para você... como deve ser o ensino de leitura no nível básico?

I³: olha... eu acho que deve ser de uma forma mais interessante... e menos obrigatória... uma coisa... assim... menos metódica... menos chata... e mais interessante para os alunos virem a se interessar pela leitura...

I¹²: eu acho que... não como a gente sempre vê aqui... uma leitura não por pretexto... mas uma leitura... trabalhar uma leitura que incentive o aluno a ler por gosto e não por obrigação... ou só porque tem que fazer uma atividade... eu acho que trabalhar a leitura por prazer...

Assim, pelas falas acima, percebe-se uma preocupação enorme em relação à leitura como fruição, em que os alunos se tornem leitores que leiam por prazer, e essa vontade é algo que permeia os discursos da nossa sociedade, que é categórica ao afirmar que os alunos não gostam de ler, e aqui cabe uma reflexão, talvez esses alunos não gostem de ler aquilo que a escola oferece, mas se interessem por outras leituras, aquelas não legitimadas pela escola. Isso é algo a se pensar.

5. Conclusão

É intrigante notar que são diversas as concepções de leitura que temos em nossa sociedade, mas que estas são pouco citadas nos discursos de nossos sujeitos alunos concluintes dos cursos de Letras. Temos em sua fala basicamente a leitura enquanto busca de informação, e a prática desta como fruição.

Esquece-se, por exemplo, a leitura enquanto interação, que deveria ser lembrada, uma vez que esta é muito utilizada no meio acadêmico, em que se faz necessário legitimar a autoridade do autor, portanto nosso diálogo com o autor do texto é constante e tido como verdade absoluta, ou ainda a leitura, enquanto processo discursivo, uma vez que estes sujeitos têm contato com teorias sobre leitura que direcionam exatamente para uma adoção de futura prática docente, embasada nesta concepção.

Em suma, faz-se necessário repensar a forma como estes sujeitos estão sendo formados, uma vez que eles não estão tão alinhados como deveriam com as atuais concepções de linguagem, o que é de suma importância para que eles formem cidadãos leitores que sejam críticos e reflexivos.

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRANDÃO, Helena. H. Neganime. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CARVALHO, Regina Célia de; LIMA, Paschoal (org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

CORACINI, Maria José (org). **O jogo discursivo na aula da leitura:** língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso.** Campinas: Pontes, 2000.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula:** leitura e produção. Casacavel: Assoeste, 1991.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** leitura e prática. Campinas: Pontes, 1993.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação.** São Paulo: Cortez, 1998.